



ESTADOS UNIDOS

Ambições territoriais

Em declarações à imprensa, presidente eleito Donald Trump não descarta uma intervenção militar para controlar o Canal do Panamá e a Groenlândia, defende anexar o Canadá e avisa que pretende mudar o nome do Golfo do México para "Golfo da América"

» RODRIGO CRAVEIRO

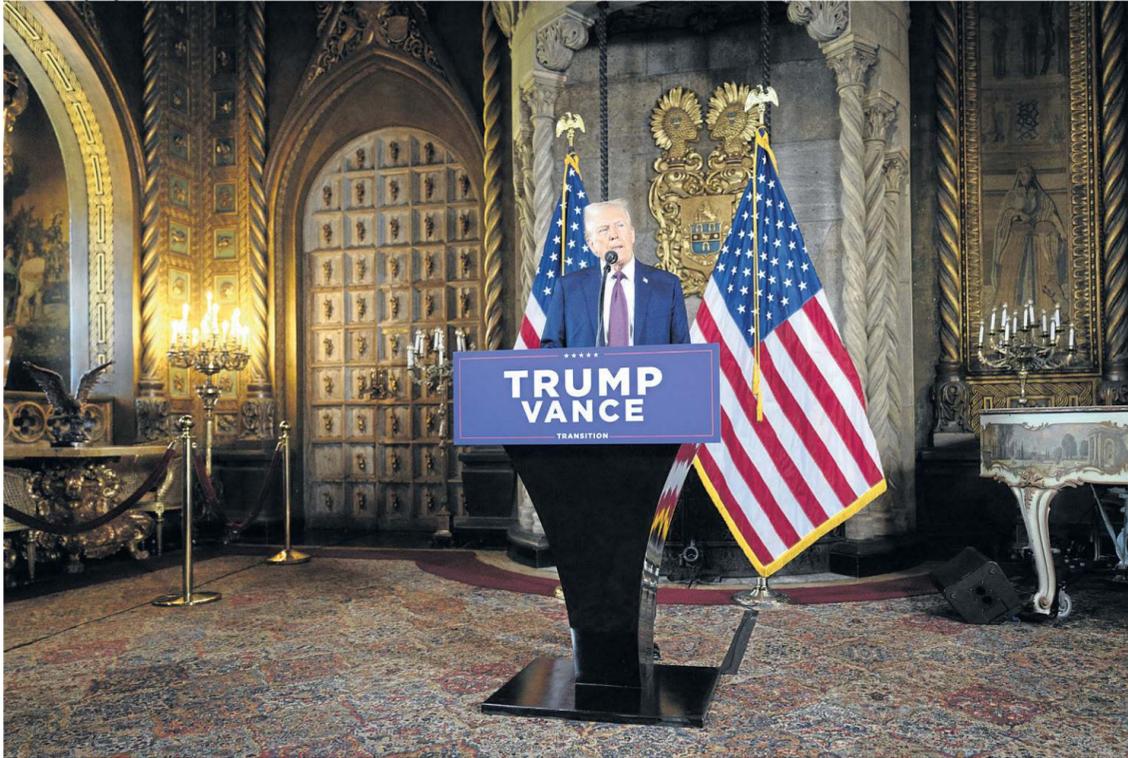
A 13 dias de ser empossado como o 47º presidente dos Estados Unidos, Donald Trump não esconde suas ambições territoriais. Em entrevista concedida na mansão de Mar-a-Lago, na Flórida, o republicano declarou que pretende mudar o nome do Golfo do México e se negou a descartar uma ação militar para assumir o controle do Canal do Panamá, uma das principais vias de navegação do mundo, e da Groenlândia, um território autônomo da Dinamarca. Ele também defendeu uma "unificação" entre os EUA e o Canadá, ao afirmar que a eliminação da fronteira "artificialmente traçada" seria uma grande ajuda para a segurança nacional.

A menção à Groenlândia coincide com a visita de Donald Trump Jr., filho do presidente, à ilha de 57 mil habitantes e 2,2 milhões de quilômetros quadrados. "A Groenlândia pertence aos groenlandeses", reagiu a primeira-ministra da Dinamarca, Mette Frederiksen. Por sua vez, o premiê demissionário canadense, Justin Trudeau, sublinhou que "o Canadá jamais fará parte dos EUA".

Um dos jornalistas questionou o republicano se ele poderia garantir que não mobilizaria as Forças Armadas para anexar o Canal do Panamá e a Groenlândia. A resposta foi evasiva: "Posso dizer o seguinte: precisamos deles por razões de segurança econômica. Não vou me comprometer com isso. Pode ser que tenhamos que fazer algo." Também ontem, Trump advertiu o grupo terrorista Hamas que, caso não liberte reféns até 20 de janeiro, conhecerá "o inferno".

Professor e analista da Universidad Santa María La Antigua (em Cidade do Panamá), Alonso Illueca considera que declarações dessa

Scott Olson/Getty Images/AFP



Trump responde a perguntas de jornalistas em seu resort de Mar-a-Lago, na Flórida: ameaças a países da região e a território da Dinamarca

natureza representam uma ameaça de uso da força militar contra a integridade territorial e a independência política, tanto do Panamá, quanto da Dinamarca. "Tais afirmações, se fossem feitas depois que Donald Trump tomar posse, em 20 de janeiro, constituiriam uma flagrante violação do direito internacional. Elas empoderam a outros atores disruptivos e revisionistas da ordem internacional, como a Rússia e a China, a fim de prosseguirem com o seu expansionismo e imperialismo rampante, tanto na Ucrânia como em Taiwan ou no Mar do Sul da China", explicou ao **Correio**.

Jaime Porcell, cientista político

da Universidad de Panamá, disse à reportagem que Trump "desenha seu autoritarismo" e tenta reviver a chamada "política do Big Stick" — implementada pelo ex-presidente Theodore Roosevelt (1901-1909), a doutrina era marcada pela ampliação do direito de intervenção dos EUA em outras nações. "Trump pretende nos subordinar ao Império e nos visualizar como seu 'pátio traseiro'. Ao afetar nossa soberania, desperta a consciência nacionalista que estava silenciada", advertiu. "De fato, podemos observar a emenda introduzida e um dos três tratados, o de neutralidade, que nos coloca 'sob o guarda-chuvas do Pentágono'."

México

Em outra declaração polêmica, Trump revelou que gostaria de renomear o Golfo do México como "Golfo da América", tão logo assuma a Casa Branca. "Vamos mudar o nome do Golfo do México para Golfo da América, que tem um som bonito. É apropriado. E o México tem que parar de permitir a entrada de milhões de pessoas em nosso país", afirmou. Pouco depois, a deputada republicana Marjorie Taylor Greene anunciou que apresentará um projeto de lei para a alteração do nome.

Para Vicente Sánchez Munguía, professor e pesquisador do Colégio da Fronteira Norte (instituição que estuda temas de violência e insegurança pública, em Tijuana), as ameaças de Trump fazem parte de sua verborragia. "Ele acabou por despertar reações nacionalistas em países como o Panamá e o México. É preciso ver se tudo o que ele disse e expressou tem verdade em termos de incidentes no futuro", afirmou ao **Correio**. "Eu incluiria o Canadá nesse grupo, pois Trump declarou que o país deveria ser parte dos EUA. Ele tem falado tantas coisas todos os dias, que não sabemos o que propõe."

Eu acho...

Arquivo pessoal



"Apenas a República do Panamá pode operar e controlar o Canal do Panamá. Existe um tratado permanente de neutralidade do Canal e seu funcionamento. O mesmo documento estabelece que apenas o Panamá manterá forças militares, sítios de defesa e instalações militares dentro de seu território nacional. Nesse sentido, qualquer tipo de interferência da China no Canal do Panamá carece de qualquer sentido. No âmbito legal, não pode existir qualquer interferência ali. Declarações dessa natureza se contrapõem ao direito internacional público."

Alonso Illueca, professor e analista da Universidad Santa María La Antigua (em Cidade do Panamá)

Munguia explica que, no contexto geopolítica mundial, Trump e conservadores republicanos poderiam sentir no direito de agir de forma livre, inspirados pelas ações de líderes, como o russo Vladimir Putin, e expandir seus domínios territoriais. "Creio que a sociedade norte-americana não apoiaria esse tipo de coisa. As primeiras expressões dos países citados são defensivas e de corte nacionalista", acrescentou o mexicano.

VENEZUELA

Opositores denunciam aumento da repressão

A oposição venezuelana acusa o regime de Nicolás Maduro de intensificar o aparato repressivo a 72 horas da posse presidencial prevista pela Constituição e 48 horas de um protesto convocado pela deputada cassada María Corina Machado. No início da tarde, Edmundo González Urrutia, o ex-diplomata que garante ter vencido as eleições de 28 de julho, denunciou o sequestro do genro, Rafael Tudares. "Rafael se dirigia à escola de meus netos, de 6 e 7 anos, em Caracas. Homens encapuzados, vestidos de preto, o interceptaram, o colocaram em uma caminhonete dourada e o levaram. Ele encontra-se desaparecido", escreveu González Urrutia.

"Afirmando categoricamente que meu marido é inocente de qualquer coisa de que possa ser acusado", declarou, na Venezuela, Mariana González, filha do político opositor. "Em que momento se tornou crime ser da família de Edmundo González Urrutia?", questionou. Uma outra filha do líder opositor mora na Espanha, onde ele recebeu asilo político após o anúncio de um mandato de prisão contra ele.

No início da noite, María Corina, que pretende prestar juramento como vice de Edmundo, na próxima sexta-feira, afirmou que agentes do regime de Maduro cercaram a casa de sua mãe.

Pedro Matthey/AFP



Miliciano distribui fuzis antes de desfile de lealdade a Nicolás Maduro

"Eles colocaram postos de controle em todo o bairro e o sobrevoam com drones. A luz também 'se foi' na área. Minha mãe tem 84 anos, está doente, com problemas crônicos de saúde", desabafou, também por meio da rede social X. "Maduro e companhia, vocês não têm limite em sua maldade. Covardes."

Em outro termômetro da tensão política em Caracas, a Assembleia Nacional, de maioria chavista, declarou "personas non gratas" nove ex-presidentes de

países da América Latina que pretendem acompanhar Edmundo González em seu retorno a Caracas, a fim de tomar posse. Entre os ex-mandatários, estão: Ernesto Pérez Balladares (Panamá), Andrés Pastrana (Colômbia), Felipe Calderón (México) e Mario Abdo (Paraguai).

"Vou esperá-los no aeroporto", ironizou o ministro do Interior, Diosdado Cabello. "Vão vir invadir a Venezuela? Se colocarem o pé no país, vão ser presos." O líder da Assembleia Nacional,

Jorge Rodríguez, anunciou que os ex-presidentes serão tratados como "invasores". Autoridades venezuelanas impediram no passado a decolagem de um avião procedente da Cidade do Panamá que tinha entre seus passageiros ex-presidentes do grupo Idea que esperavam atuar como observadores nas eleições presidenciais de julho.

Dias contados

María Corina afirma que não está prevista uma posse paralela de González fora do país. "Será empossado no dia correspondente, na Venezuela", disse ela, na segunda-feira, em entrevista à agência France-Presse. O governo Maduro "está com os dias contados, porque essa tirania vai sair, e a Venezuela vai ser livre", reiterou, ontem, a ex-deputada, em videoconferência. "Não posso garantir o dia ou a hora, pode ser antes, durante ou depois do 10 de janeiro, mas vai acontecer".

María Corina deve participar da manifestação em Caracas, cujo trajeto não foi divulgado. O chavismo convocou uma manifestação paralela para amanhã, na capital, e outra na sexta-feira, para acompanhar a posse de Maduro. "Se vocês se atreverem (a invadir a cerimônia de posse), vão se arrepender por toda a vida", advertiu Cabello.

AFP



Terremoto mata pelo menos 126 no Tibete

Um forte terremoto devastou uma área remota do Himalaia chinês, na região do Tibete, na manhã de ontem (noite de segunda-feira, em Brasília), deixando pelo menos 126 mortos, 188 feridos e um rastro de destruição. O tremor teve como epicentro o condado rural de Tingri, perto da fronteira com o Nepal, e foi sentido na capital Kathmandu e em partes da Índia. Segundo a central de terremotos chinesa, a magnitude foi de 6,8 e o serviço geológico dos Estados Unidos estimou a magnitude em 7,1 na escala Richter (aberta, raramente chega a 9). Vídeos publicados pela emissora chinesa CCTV mostram casas destruídas com paredes desabadas, ruas cheias de escombros, veículos soterrados e clientes fugindo de um supermercado enquanto as prateleiras tremiam e os produtos caíam no chão. As imagens mostram socorristas trabalhando entre os escombros e entregando mantas aos residentes, que ficaram expostos a temperaturas congelantes. A CCTV informou que 28 pessoas estão em estado crítico e que 3.609 casas foram destruídas.